

Const

CORREIO BRAZILIENSE

31 de janeiro de 1987

Tudo pronto para começar o espetáculo. O cenário está montado e os constituintes já chegaram. Neste caderno apresentamos uma síntese de como descobrir lazer, turismo e cultura nesta cidade. Brasília lhes deseja um bom desempenho

Luz, Câmara e Senado...

AÇÃO!

COMO TRABALHAR

Deputado e senador tem de mostrar serviço: usar a tribuna, apresentar projetos, fazer discursos, relatar projetos nas comissões, participar dos trabalhos legislativos. Nem os poderosos do Executivo, nem a imprensa e nem os eleitores aceitam parlamentar ausente, que vive viajando. E preciso estar presente e mostrar isso de público.

Não adianta relatar toda semana uma centena de projetos nas comissões. Isso dá trabalho mas não Ibope. Trabalho de comissão, está provado faz o parlamentar conhecido e admirado pelos funcionários mas raramente dá notícia em jornal. Que o diga o ex-senador Helvídio Nunes (P1), que foi um carregador de plano no Senado mas nunca saiu no Jornal Nacional, poucas vezes foi lembrado para viagens ao exterior e não tinha nenhum prestígio junto aos centros de poder. Não ganhou nenhum emprego bom ao final de seu mandato.

Outro exemplo nesse sentido é o senador Roberto Campos, diligente e dedicado relator de projetos na Comissão de Economia do Senado, onde o dispêndio de energias não é recompensado ou reconhecido externamente. O senador vira assunto na imprensa quando dá entrevista contra a política de informática ou discursa contra as estratégias econômicas. Mas parece gostar do anonimato.



NA TRIBUNA

É perda de tempo usar a tribuna todos os dias em busca de espaço na imprensa. É preciso falar as coisas certas nos dias certos. Discurso todo dia cansa a imprensa. Na 4ª e na 5ª feira, só mesmo um tiroteio em plenário ou uma denúncia capaz de derrubar qualquer República seria consegue tomar espaço na imprensa: são dias de grande agitação na área econômica, de votações importantes no Congresso. Quando o discurso não é lá essas coisas, deve ser feito às 2ªs e 6ªs feiras. São dias fracos de notícias e os jornalistas, como ninguém, sabem que em terra de cego quem tem um olho é rei.

Deputado que fala todo dia acaba enchendo o saco. O ex-deputado Antônio Bresolin, em seu último mandato, não tinha espaço nem na Voz do Brasil com sua ladainha diária sobre as pe-

núrias da agricultura brasileira. Jorge Arbage, vice-líder do PDS, só foi reeleito porque seus eleitores não estavam no plenário da Câmara para ouvir todo dia o seu bla-bla-bla sobre as maravilhas dos ex-generais presidentes. Pra sorte dos taquígrafos, com a Nova República ele sossegou um pouco. Outra coisa: mais vale um aparte brilhante do que um discurso chato. Sobretudo se o orador que estiver na tribuna for algum líder ou figura de destaque. Neste ano, o filé da esquerda será apartear discurso do Delfim Neto ou do Aff Domingos. Assim como, no passado, era falar mal do Paulo Maluf.

GABINETE E PESSOAL

Como qualquer profissional, o parlamentar precisa de espaço para trabalhar. E de bom espaço. Nos círculos do poder, receber visita em seu gabinete é sinal de prestígio. Mas as visitas gostam de gabinetes em locais movimentados, com água gelada e café passado na hora. Por isso, o deputado ou senador deve escolher bem o seu gabinete. Entre os localizados no chamado Anexo III e os do Anexo IV, ficar com estes, que são mais espaçosos (36m2 contra 18m2 dos primeiros) e tem garagem coberta, livrando seus ocupantes de corridas sob chuva para apanhar o carro.

Garagem coberta, aliás, é fundamental. O senador Passos Porto, de Sergipe, certo dia recebeu a visita de um prefeito do interior de seu Estado. Foi buscá-lo de automóvel no aeroporto e levou-o para almoçar em seu apartamento. Chovia muito e o senador pediu ao motorista que entrasse pela garagem. Após o almoço, com o prefeito à tiracolo, Passos Porto foi para o Senado. Novamente, desceu do carro na garagem. Levou o correligionário a conhecer as instalações do Senado, o plenário etc e, ao final do dia, ao deixá-lo novamente no aeroporto, indagou-lhe o que achava da vida de senador. O prefeito não titubeou: "Muito boa, senador, boa mesmo. Nem chuva senador toma!" Ele ficou fascinado. O prefeito, é claro.

Mas não basta ter bom gabinete e boa garagem. É preciso escolher bem funcionários e assessores. Secretária de mau humor espanta jornalista. Assessor incompetente acaba colocando o parlamentar em fria. Como o ex-deputado Marcos Tito, de Minas, cassado porque leu da tribuna um manifesto do PCB, nos tempos mais terríveis da ditadura. Seu assessor havia copiado o discurso das páginas da Voz Operária.

TER BONS AMIGOS

As amizades são fundamentais. É preciso ter amigos no Palácio do Planalto, no Congresso, entre os jornalistas e relações pelo me-

nos cordiais com os sindicalistas. Sem amigos, ninguém sobe na Corte.

Tem de ser amigo, ou pelo menos conhecido, da Roseana Sarney. É uma porta de entrada importante no Palácio do Planalto. Ela é articuladora política do palácio, simpática e de acesso muito mais fácil que o marido Jorge ou que o ministro Marco Maciel, cujos gabinetes são protegidos por trincheiras de secretárias. Fica mais fácil conseguir uma audiência com o Presidente.

Se não der certo a aproximação com a Roseana, tente outro amigo dentro do Planalto. Ai não será mais uma questão de ser, mas de parecer. Basta entrar e sair do Palácio pelo elevador das autoridades e, não importa com quem se tenha falado "lá em" o deputado é sempre entrevistado pela imprensa. Ai é só ensaiar o velho discurso: "O presidente está muito preocupado com...". Claro, existe sempre o risco de acontecer como o Franciscato, que acabou desmentido pelo presidente Figueiredo quando disse ter ouvido dele que estaria, se pudesse, presente ao comício das "diretas já". Tudo bem. Ossos do ofício.

No Congresso, tem de ser amigo do Paulo Afonso. O secretário-geral da mesa, Paulo Afonso Martins de Oliveira, sabe tudo sobre a Câmara e dá as melhores dicas sobre o funcionamento da casa, facilitando a vida dos novos deputados. Seu gabinete é frequentado por parlamentares experientes, jornalistas de todos os veículos, por onde passa a maior parte das informações importantes da República. No Senado, quem sabe das coisas são a dona Sara Abraão, que por sinal não gosta de ser chamada de dona, o Derione Cardoso, o diretor-geral Zagonel e o diretor de Divulgação, o dr. Gonçalves que os amigos chamam Gueguê. Se eles não resolverem, ninguém resolve.

OS JORNALISTAS

As relações com a imprensa são muito importantes para quem quer fazer a fama. Merecem um capítulo à parte.

Muito deputado pensa que jornalista de Brasília é facilmente conquistado com um almoço, um presente, um convite para uma viagem. É claro que isso pode ajudar às vezes, mas também pode prejudicar, pois o profissional pode se sentir vítima de tentativa de suborno. Pode não gostar do presente ou ser naturalista (isso está virando moda). O ex-deputado Hugo Mardini perde pontos ao trazer carne seca do Sul para os jornalistas da Câmara. Joel Ferreira, do Amazonas, costumava presentear com cortes de tecido de má qualidade que ninguém vestia. Gastava à toa.

Os jornalistas gostam mesmo é de parlamentares que estão informados sobre as intrigas do poder.

Quem está derrubando ou conspirando, quem vai ser demitido, que medidas o ministro tal está pensando em tomar, o que o presidente acha sobre este ou aquele assunto. E preciso dar informações quentes em "off" sobre reuniões importantes, coisas que viram notícia. Ai o parlamentar passa a ser sempre procurado por repórter ávido por saber das novidades e, volta e meia, é citado nas reportagens. Ele entra no circuito.

Não é preciso conhecer todos os 500 jornalistas sindicalizados de Brasília. Basta conhecer uns 20 ou 30, nos jornais mais importantes e nas televisões, é claro. No Congresso, tem de ser amigo do Flamarion Mossri, do Estadão, e do Moreno, do JB. E o caminho para conhecer os outros e aparecer na imprensa nacional.



ONDE CIRCULAR

Nos dias em que permanecer em Brasília, o parlamentar tem de circular pelos bares e restaurantes considerados "in", por onde transitam os fundadores e os aproveitadores da Nova República, os pais, irmãos e filhos do Cruzado, os empresários, jornalistas e a alta tecnocracia. Almoçar no Plantella dá direito ao agradável risco de se sentar numa mesa ao lado do deputado Ulysses Guimarães. No Florentino, o jantar pode acontecer sob o som de uma incrível discussão sobre a ortodoxia frente ao choque monetário entre os formuladores econômicos do Cruzado III. No Forty Five pode-se cruzar com o líder do PMDB, Pimenta da Veiga, saboreando o inesquecível Filé à Paris sob uma cortina d'água.

A tardinha, um uisque descontraído no Bar Plantella. Mais à noite, jantar no Gaf, o quartel-general da gastronomia da Velha República que manteve a qualidade mesmo depois de passar à oposição. Agora, se houver algum espetáculo cultural sob o patrocínio da LBA, há que comparecer. E de muito bom tom colaborar com as obras sociais de Dona Marly Sarney. De quebra, pode dar foto na coluna do Gilberto Amaral ou na Katucha. E, com certeza, todo mundo vai estar lá. Mas se o deputado ou senador for a todos esses lugares e não encontrar nenhuma figura de proa, ninguém da nata, não se apavore. Todos os outros ali do recinto são iguais a ele. Estão também atrás

das pessoas de sucesso e querendo parecer uma delas. Sinta-se em casa.

Não custa tentar fazer parte do restrito círculo de amigos do deputado Ulysses Guimarães. O deputado Heráclito Fortes é um dos novos que conseguiu a proeza em pouco tempo. O vice-governador eleito de Pernambuco, Carlos Wilson, é outro representante dessa espécie rara. Os almoços e jantares na casa do dr. Ulysses sempre viram notícia recheada com discussões sobre a realidade política e econômica, com ou sem a presença de ministros. Almoçar na companhia dele num dos lugares citados acima é must.

OLHA O CORAÇÃO!

Não apenas sob o aspecto médico, lembrando que nos últimos anos houve casos como os dos senadores Dirceu Arcoverde e João Bosco, que sofreram ataque cardíaco em plenário. O check-up médico periódico sempre ajuda. Mas pense também no coração sob outro sentido. Há histórias na corte de um deputado do Paraná que noivou em Brasília e sua mulher recebeu, em casa, fotografias de sua aventura no Planalto em situação indecorosa. Há casos de parlamentares que acabaram arrumando família em Brasília e até de outros surpreendidos praticando o saudável exercício no gabinete e em motéis.



SEMPRE ALERTA

É preciso lembrar sempre que alguns colegas parlamentares costumam circular no Congresso portando possantes armas de fogo. Cabeça fria. Não se envolva em confusões com um desses "guarnecidos" e esteja sempre pronto a deitar no chão do plenário, se alguns deles resolverem tirar as diferenças ali mesmo. Não esquecer do senador Kairala, que morreu fulminado na última cadeira do plenário, num tiroteio entre Arnor de Melo e Silvestre Pericles.

ÚLTIMO CONSELHO

Se, apesar de todas precauções a saúde lhe faltar, por susto, bala, vício ou doença, há duas opções. Confie nos médicos da Capital, evitando, contudo, desafiar as leis da probabilidade no Hospital de Base de Brasília. Ou então adote a tese de Magalhães Pinto de que o melhor médico de Brasília continua sendo a ponte aérea. Senhores constituintes, sejam bem-vindos. E boa sorte.

SERGIO CHACON
Editor de Política